

PAISAGENS NARRADAS: INFÂNCIA, CIDADE E EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Amanda do Nascimento dos Santos Almeida ¹

Resumo: Este artigo investiga a relação entre literatura, infância e cidade, analisando a obra *Passeando pela Cidade Sorriso* (ALMEIDA, 2024) a partir do conceito de cronotopo em Bakhtin (2020) e das reflexões de Paul Ricoeur (1994; 1995; 1997) sobre narrativa, tempo e identidade. O estudo parte de uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando análise teórico-literária com observação empírica em uma turma de alfabetização da Escola Municipal José de Anchieta, em Niterói (RJ). Os resultados revelam que a literatura infantil territorializada pode contribuir para a formação de leitores que se reconhecem como sujeitos de linguagem e espaço, ressignificando o lugar onde vivem.

Palavras-chave: Infância; Paisagens; Literatura.

Abstract: This article investigates the relationship between literature, childhood, and the city, analyzing the book *Passeando pela Cidade Sorriso* (ALMEIDA, 2024) through Bakhtin's concept of chronotope (2020) and Paul Ricoeur's reflections (1994; 1995; 1997) on narrative, time, and identity. The study adopts a qualitative and exploratory approach, combining theoretical-literary analysis with empirical observation in a literacy class at Escola Municipal Paulo Freire, in Niterói (RJ). The results show that localized children's literature can contribute to the formation of readers who recognize themselves as subjects of language and space, reconfiguring the place where they live.

Keywords: Childhood; Landscapes; Literature; City; Reading.

INTRODUÇÃO

Em que medida a literatura pode transformar a cidade em narrativa e, ao mesmo tempo, reconfigurar o olhar de quem a habita? Esta proposta parte da convergência entre espaço urbano e ficção para pensar a infância leitora como agente de deslocamento simbólico — não apenas geográfico, mas também histórico e afetivo. A leitura, nesse caso, não é uma

¹ Doutoranda em Educação da Universidade Federal Fluminense- UFF, almeidaamanda@id.uff.br;

atividade desvinculada do mundo, mas uma forma de atravessá-lo, compreendê-lo e reinscrevê-lo pela linguagem.

Nesse horizonte, a literatura infantil contemporânea revela um potencial expressivo singular: ao aliar o olhar da criança à tessitura narrativa, ela propõe experiências de pertencimento e reconhecimento. É o que ocorre na obra *Passeando pela Cidade Sorriso* (ALMEIDA, 2024), que inscreve a cidade de Niterói como território narrado e vivido. A bicicleta, meio de transporte dos personagens, torna-se também metáfora do deslocamento narrativo: a cada parada, a cidade se revela em camadas temporais que entrelaçam fundação, memória e presente.

Ao recorrer ao conceito de cronotopo, tal como formulado por Bakhtin (2020), propomos compreender como a narrativa estrutura relações de tempo e espaço de forma indissociável. O percurso das personagens ativa dimensões simbólicas do urbano, ressignificando pontos da cidade não como meros cenários, mas como lugares carregados de narratividade e historicidade. Nesse jogo entre ficção e geografia, a cidade torna-se também personagem, convocando o leitor a habitar seus ritmos e seus silêncios.

Por fim, examinaremos os efeitos dessa obra em sala de aula, a partir da experiência com uma turma de alfabetização da Escola Municipal José de Anchieta, em Niterói. A análise considera os impactos da literatura com base territorial na formação de leitores que não apenas decifram textos, mas também interpretam os espaços em que vivem. O gesto de ler, nesse caso, é também o gesto de mapear-se — no tempo, na cidade e na própria narrativa da infância.

METODOLOGIA

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e interpretativa, articulando análise teórico-literária com observação empírica em ambiente escolar. O corpus principal é o livro *Passeando pela Cidade Sorriso* (ALMEIDA, 2024), cuja leitura e recepção foram analisadas em uma turma de alfabetização da Escola Municipal Paulo Freire, localizada na cidade de Niterói (RJ).

No primeiro eixo da pesquisa, realizamos uma análise crítica da obra à luz do conceito de cronotopo formulado por Bakhtin (2020) e das reflexões de Paul Ricoeur (1994; 1995;

1997) sobre narrativa, tempo e identidade. Buscou-se compreender como a estrutura da narrativa mobiliza relações espaço-temporais e como essas relações contribuem para a construção de sentidos em torno da cidade, da memória e do pertencimento.

No segundo eixo, foi desenvolvida uma experiência de leitura mediada no contexto escolar supracitado. As atividades envolveram rodas de leitura, conversas interpretativas e produção de desenhos e falas espontâneas por parte das crianças, com o intuito de observar as formas pelas quais os leitores mirins se relacionam com a narrativa e com a cidade representada.

Os dados foram registrados por meio de anotações de campo, fotografias das produções dos alunos e registros das falas durante as atividades. A análise dos materiais considerou aspectos simbólicos e interpretativos das respostas das crianças, buscando compreender como a literatura, ao representar o espaço urbano, pode provocar deslocamentos subjetivos e formar leitores mais conscientes do lugar que ocupam — ou que desejam ocupar — no mundo.

REFERENCIAL TEÓRICO EM AÇÃO

O primeiro eixo da pesquisa consistiu na análise da obra *Passeando pela Cidade Sorriso* a partir da perspectiva do cronotopo em Bakhtin (2020) e das reflexões de Paul Ricoeur sobre narrativa, tempo e identidade (1994; 1995; 1997). Ambos os autores, ainda que em tradições teóricas distintas, convergem na compreensão da narrativa como uma forma de situar o sujeito no mundo, estruturando sua experiência a partir da articulação entre tempo, espaço e linguagem.

Para Bakhtin, a vida humana não pode ser compreendida em abstrato, mas apenas em sua realização concreta, em um evento singular em que se entrelaçam dimensões temporais, espaciais e valorativas. O filósofo russo afirma que o mundo é dado a partir do lugar único em que cada sujeito se encontra, e é nesse ponto de vista irrepetível que as relações de tempo e espaço adquirem significado. Não há, portanto, um cronotopo neutro, mas sempre uma organização arquitetônica que dispõe a experiência em torno de um centro de valores. Essa noção é essencial para entender a cidade na obra analisada: ela não aparece como pano de

fundo inerte, mas como um espaço vivido, atravessado por memórias, afetos e responsabilidades.

Em *Passeando pela Cidade Sorriso*, a bicicleta das personagens não é apenas um meio de transporte, mas também um recurso narrativo que mobiliza o cronotopo. Cada parada no trajeto é uma oportunidade de entrelaçar diferentes tempos — a fundação da cidade, lembranças coletivas, o cotidiano presente — em uma única experiência estética. Quando narro o espaço urbano dessa forma, produzo através da obra um movimento que transforma a cidade em personagem. Os lugares deixam de ser simples cenários e passam a carregar densidade narrativa, sendo reconhecidos como parte de um tecido histórico e simbólico. Essa concepção dialoga com a noção bakhtiniana de ato responsável: narrar é sempre assumir uma posição, inscrever-se no mundo com palavras que carregam sentido e valor.

Paul Ricoeur, por sua vez, enfatiza que o tempo humano só existe na forma narrada. O autor propõe a ideia de que a narrativa constitui uma mediação fundamental entre a experiência temporal e sua simbolização, permitindo que os sujeitos compreendam e reorganizem o vivido. Em sua teoria, a narrativa se desdobra em três momentos: a pré-figuração, quando o campo prático oferece elementos da ação; a configuração, em que o enredo organiza os acontecimentos em uma intriga; e a refiguração, que ocorre quando o leitor, ao entrar em contato com o texto, reinscreve-o em sua própria vida. Esse processo mostra que a leitura não é um ato passivo, mas uma atividade interpretativa que produz novos sentidos.

Ao analisar a recepção de *Passeando pela Cidade Sorriso* em sala de aula, no segundo eixo desta pesquisa, foi possível identificar esse movimento triplo. Na pré-figuração, as crianças reconheceram pontos de Niterói que fazem parte de suas rotinas, como o Campo de São Bento, o Museu de Arte Contemporânea e a Estação das Barcas. O reconhecimento imediato desses espaços gerou identificação e despertou relatos pessoais, o que evidencia que a obra se ancora em experiências concretas e familiares. Na configuração, o enredo da bicicleta que percorre a cidade costura temporalidades diferentes e produz uma narrativa que articula passado e presente. Por fim, na refiguração, as crianças não apenas compreenderam a história, mas a reinscreveram simbolicamente em suas falas e produções gráficas. Ao desenharem mapas, inventarem novos percursos ou recontarem a história a partir de suas vivências, transformaram a leitura em um ato criativo e participativo.

Esse processo de refiguração foi central para a análise do segundo eixo da pesquisa, dedicado à observação empírica da recepção da obra em uma turma de alfabetização da Escola Municipal José de Anchieta. A experiência mostrou que, mesmo em estágios iniciais de letramento, os alunos são capazes de interagir de forma complexa com o texto literário, reconhecendo vínculos afetivos e históricos que a obra estabelece com os espaços da cidade. O contato com a narrativa despertou uma percepção mais sensível e situada da realidade urbana, deslocando o olhar das crianças para além da função utilitária dos lugares.

Durante a roda de leitura e as conversas interpretativas, surgiram falas espontâneas que evidenciam esse deslocamento: alguns alunos relacionaram os cenários da obra a passeios realizados com a família, enquanto outros associaram os pontos da cidade a memórias escolares ou comunitárias. Nos desenhos, a cidade foi representada de forma inventiva, muitas vezes ampliando o percurso da bicicleta com novos lugares que não estavam no livro, mas que faziam parte do universo das crianças. Esses gestos indicam que a literatura possibilitou não apenas o reconhecimento, mas também a projeção de novos modos de habitar a cidade.

A dimensão identitária desse processo merece destaque. Ao se reconhecerem em personagens que percorrem os mesmos espaços que elas, as crianças experimentaram um sentimento de pertencimento. Niterói, antes vivida como espaço funcional e muitas vezes invisível, passou a ser compreendida como lugar narrado, carregado de significados. Esse reconhecimento amplia a noção de cidadania, pois permite que a infância se perceba como parte integrante da paisagem urbana e, ao mesmo tempo, como sujeito ativo na produção cultural.

Ao final da leitura compartilhada, os alunos produziram mapas e desenhos dos espaços da cidade que lhes apeteciam, assim como alguns também desenharam o caminho de casa até a escola:



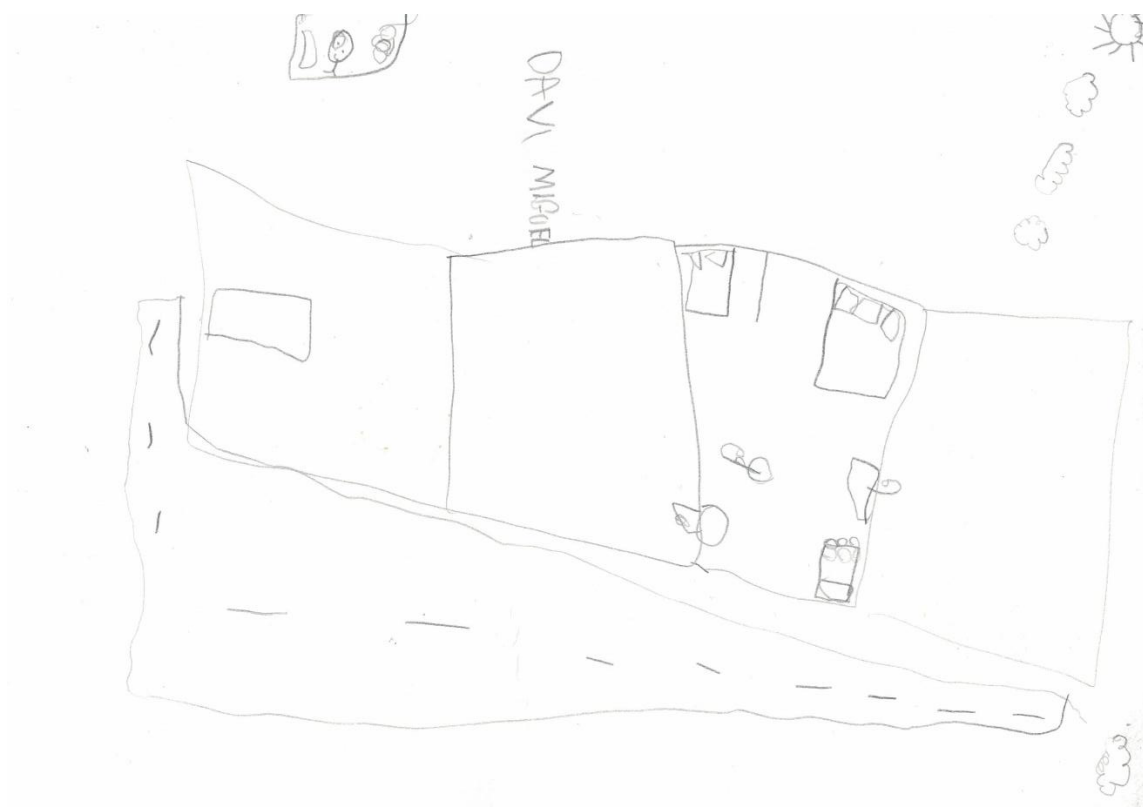
Ana Beatriz – 1º Ano (E.M. José de Anchieta)



Thaillany – 1º Ano (E.M. José de Anchieta)



Pietra – 1º Ano (E.M. José de Anchieta)



Davi Miguel – 1º Ano (E.M. José de Anchieta)



Hillary – 1º Ano (E.M. José de Anchieta)

Assim, a articulação entre Bakhtin e Ricoeur oferece uma chave poderosa para interpretar os resultados obtidos. Se o cronotopo evidencia a inseparabilidade entre tempo, espaço e valores na narrativa, a teoria da mimese mostra como o leitor participa da reconfiguração do vivido. Na prática da leitura em sala de aula, esses conceitos se concretizaram em experiências que revelam o potencial formativo da literatura infantil territorializada. A obra não apenas incentivou a leitura, mas funcionou como catalisadora de uma pedagogia da cidade, em que ler significa também mapear-se, reinscrever-se e projetar-se no espaço urbano.

Dessa forma, os resultados apontam que a literatura pode operar como mediadora entre infância, narrativa e cidade. Ao ancorar-se em contextos específicos, ela favorece experiências de pertencimento, amplia o repertório cultural e estimula a imaginação crítica. A cidade, nesse processo, deixa de ser um dado geográfico e se torna um texto em permanente reescrita, no qual a infância participa ativamente como leitora e autora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura compartilhada de *Passeando pela Cidade Sorriso*, realizada com uma turma de alfabetização da Escola Municipal José de Anchieta, revelou que a articulação entre tempo, espaço e narrativa desperta nas crianças uma percepção mais sensível e situada da cidade. Ainda que inseridos em estágios iniciais de letramento, os alunos demonstraram compreender não apenas os eventos narrados, mas os vínculos afetivos e históricos que a obra estabelece com os espaços urbanos de Niterói. Houve reconhecimento imediato de pontos emblemáticos da cidade — como o MAC, o Campo de São Bento e a Estação das Barcas —, acompanhados por relatos pessoais e associações espontâneas entre a história contada e as vivências individuais dos pequenos leitores.

Esse movimento de aproximação entre texto e experiência ilustra, na prática, o que Bakhtin (2020) descreve como cronotopo: a configuração narrativa que dá forma à experiência humana ao entrelaçar temporalidades e espacialidades. No caso da obra em questão, os deslocamentos de bicicleta realizados pelas personagens funcionam como fio condutor que costura a história da cidade em um percurso contínuo, em que presente e

passado se entrelaçam com naturalidade. As crianças, ao se verem inseridas nessa costura, passam a experimentar a cidade não apenas como cenário cotidiano, mas como espaço narrável e, portanto, transformável.

A partir das contribuições de Paul Ricoeur (1994; 1995; 1997), é possível compreender essa apropriação da narrativa como uma operação de reconfiguração. Ao ler, as crianças não apenas assimilam uma história: elas interpretam, reorganizam e atribuem sentido ao mundo que as cerca. Esse processo foi evidenciado nas produções orais e gráficas das turmas, que revelaram um deslocamento da leitura como atividade passiva para um gesto ativo de inscrição: desenharam mapas, recontaram trajetos, criaram novos percursos possíveis para os personagens — e, assim, reinscreveram-se simbolicamente na cidade.

Outro dado relevante diz respeito à dimensão identitária evocada pela obra. A literatura, ao narrar a cidade, produz também uma forma de reconhecimento. Ao identificar-se com personagens que percorrem os mesmos lugares que elas, as crianças percebem-se pertencentes a um espaço que antes era apenas funcional ou invisível. Essa percepção favorece o fortalecimento de vínculos territoriais, mas também uma abertura crítica ao conceito de lugar, compreendido não apenas como dado geográfico, mas como espaço vivido e narrado. Tal experiência revela o potencial formativo da literatura infantil quando esta articula geografia, memória e imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada evidencia que, quando a literatura se ancora no espaço urbano e o reinscreve por meio da ficção, ela amplia as possibilidades de leitura do mundo e do próprio sujeito. *Passeando pela Cidade Sorriso* não apenas narra a cidade de Niterói: ela a traduz em linguagem acessível e sensível, capaz de convocar os pequenos leitores a reconhecerem-se como parte integrante da paisagem que habitam. Ao operar esse gesto narrativo, a obra não simplifica a história local — ela a atualiza, torna-a presente e partilhável, o que confere à infância o direito de nomear e se movimentar criticamente pelo território.

O conceito de cronotopo, em Bakhtin, mostrou-se fundamental para compreender como os entrelaçamentos entre tempo e espaço são mobilizados literariamente na obra. Já em

Ricoeur, encontramos subsídios para pensar a leitura como prática interpretativa que reorganiza a experiência vivida. Ambos os autores, embora em campos distintos, convergem na ideia de que narrar é sempre um modo de situar-se no mundo. As crianças, ao interagir com essa narrativa, não apenas compreendem melhor a cidade onde vivem, mas passam a reconfigurá-la simbolicamente, tornando-se sujeitos de linguagem e de espaço.

Nesse sentido, a atividade desenvolvida demonstrou o potencial de projetos de leitura territorializados: não se trata apenas de incentivar o hábito da leitura, mas de proporcionar experiências de pertencimento, memória e invenção do cotidiano. A literatura, neste caso, não é mero instrumento pedagógico, mas agente de deslocamento subjetivo e de formação crítica.

Por fim, esta pesquisa reafirma a relevância de se investir em obras que aproximem as crianças de seus contextos urbanos de forma criativa e reflexiva. Que narrem suas ruas, seus ritmos, suas histórias — e, sobretudo, que as convidem a participar da escrita dessas narrativas. A cidade, afinal, não é um dado: é um texto em permanente reescrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda. **Passeando pela Cidade Sorriso**. Rio de Janeiro: Vira-Tempo Editora, 2024.

BAHKTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 3ª Reimpressão.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Texas Christian University Press, 1976.

_____. **Tempo e Narrativa – Tomo I**. Tradução Constança Marcondes Cesar, Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa- Tomo II**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Tempo e Narrativa – Tomo III**. Campinas, SP: Papirus, 1997